

MARCOS MEIER

MASSADA

AMOR E ESPERANÇA
NO MAIOR SUICÍDIO
COLETIVO DA HISTÓRIA

BÜZZ

Sumário

Capa

Folha de rosto

1 A fortaleza de Massada

2 No templo

3 Fretensis

4 O sumiço

5 Em nome do general

6 O grande cerco

7 Um destino infeliz

8 O pior está por vir

9 Pedras de amor e honra

10 A corrida

11 Dor insuportável

12 Estranhos soldados

13 O traidor

14 Fome

15 Desespero

16 De volta à fazenda

17 Cheia de vida

18 Ettore

19 A prisão

20 Saul

21 Despojos

22 Ninguém ficará para trás

23 Massada
24 Uma fortaleza impressionante
25 Quinze mil soldados
26 Mensageiras da morte
27 Um líder na prisão
28 Josefo e Alexandre
29 Uma proposta irrecusável
30 O destino de Alexandre
31 Uma nova construção
32 A história de Ester
33 Cabeça de carneiro
34 Eleazar e Hadassa discursam
35 Morte silenciosa
36 Na torre
37 Uma resposta emocionante
38 Cesareia Marítima
39 A última batalha
40 Esperança
Notas
Minha caminhada
Agradecimentos
Sobre o autor
Créditos

1

A fortaleza de Massada

Hadassa chorava silenciosamente. Benjamin, ao seu lado, não ousava interferir de forma alguma. Desejava abraçá-la e dizer “irmã, nós não vamos morrer, não se preocupe”, mas essa sempre fora a missão dela, e naquela noite ambos sabiam que a morte era bem real e estava próxima.

De cima da torre leste os dois podiam observar alguns poucos legionários romanos guardando o muro que circundava o imponente platô de Massada. Estar na muralha daquela fortaleza natural trazia uma sensação de segurança, de que o inimigo jamais chegaria até eles, mas sabiam que não era verdade. Mais de quinze mil soldados sedentos pelo sangue daquele pequeno grupo de judeus não seriam mais impedidos de subir. Do lado oposto da montanha, a rampa estava pronta, as muralhas haviam sido destruídas e a torre de assalto fora posicionada. A manhã logo chegaria, e, com ela, o horror assassino da espada romana.

Talvez fosse hora de ser humilde e pedir ao Criador que seu amado fosse salvo, libertado da prisão e que no futuro pudesse ter uma vida feliz. Que encontrasse uma mulher que o amasse tanto quanto ela o amava. Que tivesse muitos filhos. Sonhava com um último beijo, um abraço acolhedor e sua voz sussurrando em seu ouvido: “Tenha calma, querida, vai dar tudo certo”.

Seus devaneios eram constantemente interrompidos por choros e gritos de crianças que, ao lado de seus pais, eram sacrificadas em nome do amor. O terror pairava no ar em meio à fumaça que destruía os últimos troncos de madeira da segunda muralha.

Ela desejava que tudo aquilo fosse apenas um pesadelo, que a qualquer momento despertasse de seu sono e acordasse em um mundo mais justo. Mas não passava de um desejo.

Olhou para as estrelas refletidas nas águas calmas do Mar Salgado¹ e tentou, pela última vez, orar ao Criador. Implorou por sua própria vida, a de Benjamin e a de seu amado. Em seguida, abaixou-se e tocou a face molhada de lágrimas de seu irmãozinho. Os dois trocaram um olhar profundo. Queriam mais oportunidades para correr e se divertir nas ruas de Jerusalém. Desejavam ardentemente que a vida não lhes fosse tirada. Então, com uma voz que saiu do fundo de sua alma, acalentou o coração daquele menino amedrontado:

– Sempre há uma saída.

Era primavera, 15 de abril do ano 74 da Era Comum.² Aquela data seria lembrada para sempre como o dia do maior suicídio coletivo da história. E a vida, mesmo com todas as suas incertezas, precisava encontrar outro caminho para aqueles frágeis e assustados irmãos. A mensagem que percorreria o mundo e encheria de esperança o coração de milhões de pessoas no futuro não podia morrer ali.

2

No templo

Quatro anos antes

Hadassa ria ao ver seu irmão correr pelo templo. Mesmo sabendo que não era permitido, o prazer de Benjamin naquela pequena transgressão era tão grande que ela não ousava interferir. As pessoas que presenciavam a cena, constrangidas ao perceber que o menino era filho do administrador do templo, também não o corrigiam.

Mas os ouvidos do pai não aceitaram a correria do caçula.

– Hadassa! Faça-o parar! Vão para casa. Se querem fazer barulho, perturbem os ouvidos de sua mãe, não os meus.

Os dois se deram as mãos e vagarosamente saíram dali. Hadassa se virou e, com um sorriso, provocou:

– Até depois, paizinho.

O pai apenas os encarou, sem dizer mais nada.

Naquela época, não havia construção mais imponente que o célebre Templo de Salomão. Sua grandiosidade fazia com que todos se sentissem como grãos de areia, seres humildes criados por aquele a quem todos os judeus clamavam como único. E, na opinião dos peregrinos, nem Roma possuía edificações comparáveis a esse lugar sagrado.³

Descendo as extensas escadarias, Benjamin voltou a extravasar sua alegria pulando os degraus de dois em dois, às vezes até de três em três. Uma senhora que subia devagar parou e os observou. Seu tempo de força e rapidez tinha ficado para trás. Agora, cada degrau era um obstáculo, e a atenção tinha de ser total para que não tropeçasse.

– Ben, dê seu ombro para a viúva Sarah segurar. Eu a pego desse lado. Senhora, apoie-se em nós.

– Minhas crianças, aceito a oferta. Parece que a cada dia alguém coloca mais um degrau nesta escadaria. Como é longa!

Sem entender a brincadeira, o menino disse ser impossível adicionar degraus. As duas riram da ingenuidade dele.

– Está de folga hoje? Não vai ter aulas com seu mestre?

– Já tive, senhora. Meu mestre não vai dar as aulas da tarde durante um mês. Ele mencionou algo sobre certas reuniões de que deve participar.

– Hum, como é bom ter um mês de folga, não é? – a mulher disse, olhando carinhosamente para o menino.

– Devíamos ter folga sempre – respondeu Benjamin com um ar indignado.

Depois de deixarem a idosa no pátio do templo, os dois irmãos retomaram a diversão da descida.

– Sabe, Ben, um dia sem uma boa ação é um dia perdido.

– Eu sei. Meu mestre sempre diz isso nas aulas.

– Conte-me o que mais ele diz.

– Hoje ele falou que minha elevação me rebaixa e meu rebaixamento me elev...

Sem que o menino tivesse terminado de falar, um homem parou em frente aos dois com uma expressão de pavor e gritou:

– Morrer! Vocês vão morrer! Todos vão morrer! – urrou enquanto chacoalhava Hadassa pelos ombros, antes de sair correndo escadaria acima.

Muito assustados, sem saber quem ele era ou por que falara aquilo, perderam a alegria e a descontração da descida. Ben agarrou a mão da

irmã para que saíssem logo dali.

Longe do templo, ainda com o coração acelerado, Hadassa percebeu que as pessoas caminhavam cabisbaixas, como se algo estivesse errado. O sorriso dos cambistas e dos comerciantes havia sido substituído por medo. E certamente não por efeito das palavras daquele louco.

– Benjamin, vamos conversar com a vendedora de púrpura, ela sempre sabe tudo o que acontece na cidade. Estou desconfiada de que algo ruim vai acontecer.

– O mercado é muito longe, e papai nos disse para ir para casa. Quer ir mesmo assim? Se ele me der bronca, vou dizer que foi você que me levou.

– Não tenho dúvida, você sempre me entrega. Vamos por outro caminho, longe dessa gente lenta.

– Tudo bem, mas papai...

– Vamos rapidinho... Pare de ser chato.

Os dois conheciam tão bem os atalhos em Jerusalém que ninguém poderia chegar antes deles a lugar nenhum, seja qual fosse o destino. Alguns minutos depois, sentados no chão em frente à vendedora, Hadassa perguntou com delicadeza sobre as dificuldades pelas quais a mulher vinha passando e como estavam as vendas. Depois, sem conseguir esconder sua curiosidade, indagou:

– Senhora Areta, por acaso sabe por que as pessoas estão com medo? Ouviu alguma coisa?

– Não sei muito. Ouvi dizer que o general Tito está organizando um grande exército. Várias legiões já estão sob seu comando, e parece que até a *decima Fretensis* foi convocada!⁴ Tudo indica que ele vem para prender e crucificar todos os sicários.⁵

– Os sicários? Seria bom se matassem todos. São uns ignorantes.

– Querida, não seja tão rude. Eles lutam para que nosso povo seja livre. Os romanos é que estão errados. Agora estão cobrando impostos redobrados em todos os portos, inclusive em Ascalom. Um absurdo. É por isso que a púrpura está mais cara. E pode ficar ainda mais, então é melhor aproveitar. Vai comprar um pouco?

– Não, hoje não. Só estava curiosa.

– Bem, então já sabe, mas não se preocupe, pois os romanos não atacariam Jerusalém. Nós não oferecemos perigo.

Interrompendo a conversa, um jovem comerciante grego desceu de seu cavalo e se dirigiu à vendedora.

– Perdão pelo incômodo. Preciso encontrar bons produtores de vinho, entre outras coisas. Como a senhora sempre me ajuda, vim saber de você.

– Senhor Alexandre, meu caro, como está Ascalom? – perguntou Areta, animada com a presença do ilustre comprador. Depois, virando-se para Hadassa, explicou, sorrindo: – Querida, este é Alexandre, meu fornecedor de púrpura e outros pigmentos. Ele vem da ilha de Rodes, de uma cidade cujo nome sempre esqueço.

– Lindos. O nome da cidade é Lindos – o homem impostou um pouco a voz para impressionar a jovem. No entanto, diante da beleza de Hadassa, emudeceu.

Em todas as suas viagens, jamais vira uma mulher como ela. Era quase impossível descrever fielmente seu rosto, e talvez quem tenha chegado mais perto de fazê-lo foi Yohanna, a prima da menina, quando disse: “Não é coincidência que seu nome seja Hadassa. Ele significa ‘flor da murta’, e você é tão bela quanto ela”. Essa flor, pequena, branca e perfumada, tem uma beleza exótica, mas sua perfeição e delicadeza a tornam única.

Essa aura de mistério deixou Alexandre encantado. Os olhares dos dois se cruzaram, e um silêncio mágico os isolou de toda a movimentação costumeira das ruas.

Hadassa, constrangida por seus próprios pensamentos a respeito da beleza do rapaz, abaixou a cabeça. Ele era jovem, tinha mãos fortes e parecia ser muito trabalhador. Ao mesmo tempo, seus cabelos cacheados lhe davam graça e seus olhos eram do mesmo verde-claro do Grande Mar.⁶ Logo acima da sobrancelha direita havia uma pequena cicatriz inclinada que lhe conferia um ar sério, fazendo com que parecesse sarcástico mesmo quando sorria. Ela gostou do detalhe.

Pela primeira vez na vida, Hadassa sentiu sua pele aquecer como nas vezes em que se secara ao sol logo após se banhar no rio. Aquilo era agradável e ao mesmo tempo assustador. Algo tão novo quanto a atração por um desconhecido deixou sua respiração totalmente alterada.

– Ascalom está bem, os negócios é que não. Os romanos são muito gananciosos – disse o rapaz à vendedora. Depois, desejando causar uma boa primeira impressão em Hadassa, desculpou-se. – Moça, perdoe-me pela minha falta de delicadeza, a pressa prejudicou meus bons modos. Gostaria de saber seu nome, se não se incomodar em dizê-lo.

– Hadassa – respondeu, ainda com a cabeça abaixada, tentando disfarçar um leve sorriso.

Ela queria ter dito mais coisas naquele momento, mas uma voz no fundo de sua mente a reprimia: *Hadassa, não aja como uma meretriz. Você é filha de um sacerdote, não pode ficar conversando com homens pela rua, sejam eles quem forem.* O conflito entre as orientações maternas e as novas sensações que experimentava naquele momento era perturbador.

– Você parece tímida. Não se acanhe, não vou importuná-la. Vi que seu irmão gosta de cavalos e já fez amizade com o meu.

Impressionante como ele o acaricia sem medo. Parece ter um dom especial.

– Benjamin, saia daí. Não mexa no cavalo – a voz de Hadassa não tinha um tom autoritário, como se não quisesse que seu irmão a obedecesse.

– Deixe-o, Hadassa, deixe-o montar. Menino! – o rapaz ergueu a voz. – Quer montar meu cavalo?

– Eu quero! Sim, é claro que quero! – Benjamin pulava e agitava as mãos descompassadamente.

– Ben, você não sabe montar. É perigoso! – a irmã tentou impedir.

Afastando-se de Hadassa, Alexandre levantou Benjamin até acomodá-lo na sela.

– Pegue as rédeas, segurando com essa mão. Puxe para virar para a esquerda ou para a direita, e desse jeito você faz o animal parar. Nunca force demais para não machucar a boca do cavalo, porque em vez de parar ele pode empinar e derrubar você, entendeu? Quer ir até aquela casa no fim da rua e voltar? Mas não corra e não o faça galopar, é perigoso.

Benjamin não respondeu, mas conduziu o cavalo com perfeição. Sua alegria contrastava com a fisionomia das pessoas por quem passava. Retornou a galope, assustando os transeuntes, mas ainda mais a irmã, que gritava, em pânico.

– Meu Pai Criador, livre-o de qualquer mal! Senhor Alexandre, ajude-o!

Ao se aproximar, Benjamin fez o cavalo parar perfeitamente, como se fosse um cavaleiro experiente.

– Por Júpiter! Você nos assustou. Por que não disse que sabia montar? – perguntou Alexandre, surpreso.

O menino desceu do cavalo com a agilidade de quem está habituado com a montaria.

– Não sabia, aprendi agora. Mas já tinha visto como os romanos montam, só fiz igual. É incrível, muito gostoso! – respondeu, com alegria e agitação.

– Você poderia ganhar muito dinheiro em corridas. É muito leve e corajoso.

Hadassa, assustada com o que tinha acabado de acontecer e receosa de que o grego influenciasse seu irmão, despediu-se da vendedora. Pegando Benjamin pela mão, desobedeceu às regras de sua mãe e se dirigiu a Alexandre:

– Obrigada pelo empréstimo do cavalo, mas precisamos ir. Amanhã estaremos aqui de novo, para buscar um pouco de púrpura.

Ela não precisava comprar pigmentos, mas temia que não voltassem a se ver. Só tomou coragem para sair dali porque se lembrou de uma frase que ouvira de uma de suas tias maternas: “Quando um homem deseja uma mulher, ele sempre dá um jeito de encontrá-la”.

– Que moça formosa, é como uma Afrodite entre os seres humanos! De onde ela é? – disse Alexandre para Areta, agitado.

– É filha do administrador do templo, o sacerdote Abbar. Ele é irmão do sumo sacerdote Fancias Ben Samuel. Abbar é um dos líderes mais poderosos, muito respeitado pelo povo. Mas não se aproxime dela. Um gentio jamais poderia se casar com uma judia.⁷

– Casar? Apenas achei-a muito bonita. E, apesar de muito respeitosa, livrou-se de mim tão rápido que nem pude continuar a conversa.

– Senhor, já o conheço há quantos anos? Cinco? Sua boca fala, mas seu coração a contradiz. Vamos voltar a falar de negócios. – Os dois trocaram olhares de cumplicidade.

– Sim. Por favor, se conhecer produtores de vinho de excelente qualidade, diga a eles que tenho interesse em comprar toda a produção. Já tenho compradores em Roma aguardando. Nosso navio está em Ascalom.

– Está bem, assim o farei. Conheço um dos grandes, vou verificar se ele tem estoque ou já vendeu tudo. Terei as informações quando o senhor voltar.

3

Fretensis

No caminho de casa, Benjamin falava sem parar sobre o cavalo e sobre como tinha sido incrível montá-lo. Disse à irmã que, se não fosse se tornar um sacerdote, seria um campeão de corridas.

– Eu venceria todos os romanos, os gregos e os sírios!

– É verdade, meu irmão. Você seria um excelente cavaleiro, tanto quanto será um excelente sacerdote.

Os dois entram correndo em casa.

– Mãe, onde está a senhora? Preciso contar uma coisa! – chamou Hadassa.

Moravam em um lugar bem grande, comum entre os sacerdotes abastados. Hadassa e Benjamin procuraram Navit pelos aposentos e a encontraram deitada em seu quarto.

– Mamãe, o povo está com medo. Ouvi dizer que os romanos vão invadir Jerusalém e assassinar todos os sicários, mas acho que vão matar todo mundo.

– Mamãe, mamãe, andei a cavalo! E até corri! Eu podia ser um campeão de corridas. É muito rápido, ele corre muito! Os cavalos...

– Benjamin, deixe-me ouvir Hadassa, depois você me conta suas histórias.

Sem interesse naquela conversa, o menino saiu correndo para contar as novidades aos seus amigos da vizinhança.

– Filha, Jerusalém já está nas mãos dos romanos, por que nos invadiriam? Você está se preocupando à toa.

– Não sei, mamãe, no templo tem muito mais gente do que o normal. Estão com medo, implorando proteção.

Hadassa tentou convencer a mãe, mas nada a impressionou. Nem a história do louco nas escadarias.

– Deixe os assuntos de homens para os homens. Seu pai saberá o que fazer. Ele sempre sabe, afinal, é o homem mais sábio que já existiu desde Salomão.

A voz da mãe estava carregada de sarcasmo. Falava do marido sempre com desdém, jamais com carinho. O mesmo acontecia para com as tias de Hadassa, irmãs do marido. Apenas um dos tios, o sumo sacerdote Fancias, tinha outro tratamento – talvez porque enviasse à família presentes caros ou designasse criados para ficar aos serviços da família. Mãe e filha eram gratas a ele por isso.

– Nunca posso decidir nada por mim mesma. Moisés não escreveu que devemos obedecer aos homens. Eu li a Torá inteira, não está lá. Ele disse que devemos honrar pai e mãe, mas isso, apesar da autoridade do pai, não significa que eu jamais possa dar minha opinião.

– Eu já sei. Você sempre me lembra disso.

A mãe achava que Deus em pessoa tinha ensinado Hadassa a ler, pois ninguém que ela conhecesse havia aprendido sozinho aos três anos de idade. Irritada, repreendeu a filha:

– Às vezes, quando você vem com suas opiniões tão elaboradas, tendo a dar razão às minhas cunhadas: sua mente parece uma maldição. E chega de conversa. Venha me ajudar a fazer pão. Palavras não matam a fome.

As duas foram para a cozinha iniciar o preparo dos pães, que seriam assados lá fora, num forno que compartilhavam com alguns vizinhos. A casa tinha seu próprio forno, mas era muito trabalhoso acendê-lo para assar tão pouco pão. Nesses momentos, Navit era muito

afetiva com a filha. Fazia carinho em seu rosto, abraçava-a pelas costas enquanto a menina amassava o pão e conversavam longamente sobre diversos assuntos.

A vida da maioria das famílias judias funcionava dessa maneira. A monotonia diária só era interrompida pelo pôr do sol, para logo ser retomada na manhã seguinte. As casas de Jerusalém, construídas sempre com o mesmo tipo de pedra, também reproduziam essa monotonia de certa forma: tinham uma cor amarela esbranquiçada tão única que tinha se tornado uma referência para os viajantes. Para descrever coisas amareladas, diziam: “Uma cor parecida com a das casas de Jerusalém...”.

Naquela tarde, a palidez das paredes realçava ainda mais o pôr do sol avermelhado. As pessoas contemplaram o fim do dia como mais uma obra de arte do Criador que tanto veneravam.

Depois de ordenar que os serviçais limpassem e organizassem tudo para o dia seguinte, Abbar e seus ajudantes fecharam as portas do templo e foram embora. O sacerdote também já sabia dos rumores sobre Roma e, assim como a filha, estava preocupado.

Chegando à sua casa, lavou os pés e as mãos e chamou a família para comer. Sentados em volta de uma grande mesa perto da cozinha, reuniram-se para degustar as delícias da noite: pão, figos secos, azeitonas e um guisado de lentilha com pedaços de carne de cordeiro.

O cozido era muito aromático, perfumado por diversas especiarias, então o pai pegava um pedaço de pão, mergulhava no molho e o cheirava profundamente antes de colocá-lo na boca. Os três olhavam a cena e sorriam. Apesar de o pai nunca sorrir, era bom vê-lo fazer algo com tanto prazer.

– Papai, os romanos vão invadir Jerusalém, não é?

– Hadassa, não tire conclusões a partir desses boatos. Você, como mulher, não deve se ocupar desses assuntos. Chega dessa conversa

estúpida.

Benjamin, sonolento, já estava se debruçando sobre o prato vazio quando foi levado pela irmã até sua cama.

– Irmã, eu amo cavalos. Quero ser um campeão de corridas. Depois me torno um sacerdote e continuo a estudar o Tanach.⁸

– Agora você precisa dormir, Ben. Amanhã conversamos sobre isso. Boa noite.

Ele se virou de lado e adormeceu de imediato.

Repassando tudo o que tinha acontecido naquele dia, Hadassa foi em direção ao seu quarto. Seus pensamentos a maltratavam com imagens de invasões, mortes, revoltas, sangue... Respirou profundamente, imaginando soldados cercando-a e humilhando-a na frente de todo o povo, e disse a si mesma que preferia morrer a ser ultrajada.

Até que se recordou do sorriso do jovem grego e enfim se livrou por alguns instantes daquelas imagens assustadoras. Ela se lembraria para sempre daquele olhar, daquela ternura. Mas, mesmo em meio a pensamentos bons, a realidade a invadiu mais uma vez, deixando-a triste. A filha de um sacerdote jamais poderia se casar com um gentio. O melhor a fazer era esquecer Alexandre.

Nem aquele turbilhão de pensamentos a impediu de ouvir os pais discutindo mais uma vez. No fim das contas, a mãe apenas abaixava a cabeça e obedecia. A vida era mais fácil assim. Submeter-se era tão natural quanto ser mulher. Quando estavam sozinhos, a mãe até ousava se impor um pouco mais, mas sempre tinha que se calar.

4

O sumiço

Navit Ben Hod era uma mulher que não demonstrava alegria ou empolgação com qualquer acontecimento. As festas religiosas, tão importantes para seu povo, para ela eram apenas motivo para mais trabalho: enquanto todos conversavam e se divertiam, ela tinha de se afastar para cumprir suas tarefas. Mas era visível que a situação estava piorando. Não fosse a presença das criadas, que assumiram todo o trabalho doméstico enquanto Navit permanecia deitada em seu quarto, aquele lar teria desmoronado.

Dia após dia, ela parecia definhando, contradizendo o significado de seu nome – Navit queria dizer “agradável”, e Hod, o nome de seu pai, “esplendor”. Aquela bela combinação de palavras não condizia com sua figura: fraca, lenta ao caminhar e com um olhar que transbordava dor, era cada vez mais raro ouvi-la falar. Todas as tentativas de Hadassa de fazê-la se abrir tinham sido em vão.

A preocupação da filha, no entanto, contrastava com a empolgação de Benjamin. Como o menino não falava em outra coisa a não ser em cavalos, a irmã o encorajou a pedir autorização para montar, pois o pai explodiria de raiva se descobrisse através de outras pessoas o que ele fizera. O pai vinha tendo acessos de raiva demais, então não era prudente provocá-lo.

– Paizinho, qual sua opinião sobre andar a cavalo? – perguntou Ben, conduzido por sua ingenuidade e pelo incentivo da irmã.

– Cavalos não são tão bons para transportar cargas, é por isso que temos jumentos. Eles estão por toda a parte e são baratos, então para que

pensar em cavalos? São caros e inúteis; só servem para carregar romanos estúpidos.

– É que montei um cavalo e as pessoas se admiraram, papai, sou muito bom nisso. Eu até consegui...

– Montou? – toda a animação de Benjamin foi interrompida pelo brado do pai. – Nunca permiti que fizesse isso. Não é digno de um futuro sacerdote. O animal é impuro e, pior do que isso, podia pertencer a um romano. Você não pode se desonrar dessa maneira. Eu o proíbo de montar novamente! Quem foi que lhe emprestou um cavalo para montar? Algum romano com a mente de um porco que queria ver um menino judeu caindo e se machucando? Diga-me. Quem foi?

– Não era um romano, papai. Era grego.

– Grego? De onde veio esse grego?

– Da Grécia – disse em voz baixa, sabendo que não era a resposta adequada, mas não conseguira deixar de brincar.

– Benjamin, respeite o seu pai! Não tolero suas brincadeiras. Você sabe que essas pilhérias o rebaixam. Responda apenas o que lhe é perguntado, sem brincadeiras estúpidas. Vivo lhe dizendo para jamais agir como um tolo.

– Foi um homem que estava conversando com aquela vendedora de púrpura, papai.

– Areta? Aquela enganadora de clientes? O que vocês estavam fazendo daquele lado da cidade? Eu ordenei que viessem imediatamente para cá.

– Nada, papai. A Ha...

– Vocês dois estão ousados demais! – Abbar o interrompeu mais uma vez. – Ficam perambulando pela cidade fazendo traquinagens, tolices. Vou acabar com isso de uma vez por todas. Vamos, o que faziam lá?

– Nada, só fomos conversar com ela para saber por que os romanos estão vindo.

– Ah, mas é claro, afinal ela é a pessoa mais indicada para falar sobre decisões de guerra – retrucou o pai, sarcástico. – Ela é mulher. Uma mulher estúpida como todas as outras. Uma vendedora de rua. Você subiu no cavalo de um cliente dela sem que o homem soubesse?

– Não, ele mesmo me colocou em cima do cavalo para que eu tentasse. Estava sendo gentil.

– Gentil? Que homem sai de outras terras e vem para cá para ser gentil? Ele só quer ganhar alguma coisa, lucrar em cima dos ingênuos. Devia estar com outras intenções, mas sua ingenuidade o impediu de perceber. Agora chega dessa conversa. Nunca mais ande a cavalo! Eu o proíbo. Nunca mais! Entendeu?

– Mas, papai, eu só...

– Chega! Cale-se!

Benjamin obedeceu e se retirou, chorando baixinho. Gostava do pai, mas às vezes sentia muita raiva dele. Se um dia tivesse a oportunidade de cavalgar novamente, não contaria a ninguém. Ele não gostava de ser desobediente, mas aquilo era incrível demais para ser esquecido.

O menino pegou seu material e saiu para tomar as aulas da manhã, que haviam recomeçado. Ele costumava ir ao encontro de seu mestre com muita alegria, porque gostava das lições e sempre aprendia mais rápido que os outros meninos, mas dessa vez foi caminhando devagar, chutando as pedrinhas que encontrava.

Nem o pedaço de pão embebido em mel oferecido pelo mestre conseguiu mudar o humor de Benjamin. Depois de saber da origem da tristeza e perceber que eram apenas besteiras de criança, o homem disse

que ser sacerdote o faria muito mais feliz que ser cavaleiro, mas que só o tempo mostraria isso a ele.

Hadassa e Benjamin caminhavam por toda a Jerusalém, mas o mercado era o lugar preferido dos dois. Lá havia pessoas de todos tipos, um prato cheio para a imaginação fértil dos irmãos. Naquele dia, decidiram voltar à tenda de Areta para saber se ela tinha mais informações. Se não descobrissem mais nada, poderiam pelo menos sentir os aromas incríveis que só existiam ali.

Antes que pudesse cumprimentar a vendedora, Hadassa ouviu uma voz aveludada que fez seu coração parar.

– Hadassa. Veio buscar púrpura? – perguntou Alexandre, feliz em encontrá-los.

A menina, mesmo calada e de cabeça baixa, sorria como se não houvesse mais ninguém por perto. A já conhecida sensação de calor e alegria inundava seu corpo. Ela movimentava discretamente a cabeça na tentativa de ver o rosto do jovem, denunciando seu interesse. Benjamin, sem ter percebido a troca de olhares, interrompeu o romantismo do momento:

– Senhor Alexandre, onde está seu cavalo? Por que está a pé? Você o vendeu?

– Acalme-se, menino! O animal estava muito cansado, então vim montando outro, que está logo ali. Que acha dele? Seu nome é Aktina.

– O que quer dizer Aktina?

– Significa “raio” em grego.

– Raios caem toda hora! Ele vai me derrubar, não vai? Não vou montar nele! – brincou o menino. – Parece mais forte que o outro. É mais rápido?

– Imagino que sim, mas nunca fiz o teste de montá-lo enquanto outra pessoa corria com o outro. Não consigo encontrar outro cavaleiro. Conhece algum? – perguntou, olhando na direção de Hadassa.

– Ele não pode mais montar. Nosso pai o proibiu.

– Então não temos escolha a não ser obedecer ao sr. Abbar Ben Samuel. Acertei o nome de seu pai? – seu tom de voz era gracioso, como o de um menino mostrando suas piruetas.

– Como sabe o nome dele? – admirou-se Hadassa, feliz por saber do interesse do rapaz em coisas que diziam respeito a ela.

– Perguntei por aí se alguém sabia o nome do pai da moça mais bonita de Jerusalém. Incrivelmente todos me deram a mesma resposta.

Seu sorriso era encantador, e Hadassa não sentiu vontade de reagir com rispidez, como sempre fazia quando a elogiavam. Mas não podia deixar que Alexandre se sentisse muito à vontade, porque seria mal interpretada pelas pessoas à sua volta.

– Senhor, deixe de gracinhas, ou então serei obrigada a responder com grosserias.

– Meu objetivo jamais foi insultá-la, muito pelo contrário. Estou apenas dizendo a verdade. Vou parar de elogiá-la, se esse for seu desejo, embora não acredite que você seja mesmo capaz de responder com grosserias. – Ele sorriu e se virou na direção de Benjamin. – Por que seu pai o proibiu de montar? Imagino que quer que você se torne um sacerdote como ele, acertei? Sabe, proibi-lo de fazer algo não impede que um dia você tenha um ofício diferente daquele que seu pai deseja.

– Mas eu quero ser sacerdote, senhor.

Enquanto os dois conversavam, Hadassa examinava o tom de voz e cada mínimo movimento de Alexandre. Poderia passar horas admirando tudo o que viesse dele. Quando seus olhos se encontraram outra vez, Hadassa baixou a cabeça imediatamente, sentindo a respiração ficar

ofegante. Aquilo era tão sublime que desejou algum dia encontrar um rapaz judeu que causasse nela a mesma sensação que Alexandre provocava. O pensamento a entristeceu, porque todos os meninos que ela já vira não tinham nem metade da beleza dele.

– Senhor, Josefo⁹ está vindo! – um dos empregados de Alexandre os interrompeu.

– Josefo? O que ele quer? O que mais você sabe sobre isso?

– Ele traz recados de Roma. Quer falar com os sacerdotes e exigiu que o povo estivesse presente. Amanhã cedo, no templo. Anunciaram em vários lugares.

Assim que o empregado se afastou, Alexandre voltou-se para Hadassa:

– Imagino que ele tenha vindo tentar algum acordo, não é?

– Odeio esse homem. É um traidor do nosso povo. Entregou aos romanos uma de nossas cidades.

Os judeus não gostavam de Josefo. Alguns anos antes, ele tinha sido o líder da resistência quando os militares romanos Vespasiano e seu filho Tito cercaram a cidade de Jotapata. Acredita-se que Josefo poderia ter vencido os romanos, mas sua falta de experiência fez com que milhares de judeus fossem mortos. Quando não havia mais como lutar, rendeu-se e abriu os portões para o inimigo, entregando não somente a cidade, como também a honra de ser judeu. Depois, para se livrar da morte, aumentou os feitos dos comandantes a ponto de dizer que os dois muito em breve seriam imperadores. Vespasiano, que tinha sido vitorioso em várias campanhas, certamente o seria, e por lógica o filho seria seu sucessor. Graças a essa “profecia”, Vespasiano concedeu a Josefo a cidadania romana e mudou seu nome.

Alexandre espantou-se com a indignação e o conhecimento de Hadassa e quis que a menina refletisse sobre o outro lado da história.

– Entendo sua raiva. Mas talvez esse seja um movimento estratégico, para que o povo judeu não seja massacrado pelos romanos.

– Por que nos matariam, se somos uma fonte importante de impostos? Não. Não fariam isso. Acho que virão para matar todos os sicários.

– Mas veja, Hadassa. Assim como eu não consigo distinguir entre um sicário e um judeu comum, os romanos também não conseguem. O povo todo está em perigo. Até mesmo você, que veste roupas tão caras, porque podem pensar que você recebe privilégios ou que enriquece com a coleta de impostos. Não acha?

– Uso as roupas que meus pais me oferecem – respondeu, mas por dentro só conseguia pensar: *Você me acha bonita. E nem estou vestindo minhas melhores roupas.* – A túnica que eu usava quando nos conhecemos foi feita por uma tia. As outras tias, as irmãs de meu pai, disseram que eu não a merecia. Segundo elas, meus conhecimentos são uma maldição.

Alexandre explodiu numa gostosa gargalhada.

– Se você morasse comigo na Grécia, seria considerada uma deusa, e não uma amaldiçoada. Uma pena que elas pensem assim.

– Preciso ir – disse a menina com uma voz triste.

O rapaz tentou inutilmente convencê-la de que o sol ainda estava alto, mas ela já puxava o irmão pelo braço. Despediram-se com carinho.

– Até outro dia, moça. Amanhã, talvez, no discurso do *traidor*.

– Até amanhã, Alexandre.

Ela disse o nome dele com doçura, e ambos desviaram o olhar sorrindo. Aquele era um conflito muito agradável: ser proibida de conversar com um homem e, ao mesmo tempo, sentir-se tão desejada.

Assim que chegaram em casa, Benjamin gritou pela mãe:

– Mamãe, estou com fome!

Dessa vez ela não respondeu. Procuraram em todos os aposentos, mas não havia sinal dela. Navit havia sumido.

– Talvez tenha ido ao comércio – sugeriu assustada uma das servas.

– Não, mamãe não faria isso. Ela jamais sai sem um guarda ou sem a companhia de duas de vocês. Algo mais sério aconteceu.

Hadassa e Benjamin correram até o templo avisar ao pai. A resposta dele, no entanto, foi bem diferente do que a menina esperava.

– Sim, já sei que ela sumiu. Sentem-se aqui. – A forma como o pai agia, com cuidado e carinho, os deixou ainda mais preocupados e ansiosos. – Os homens de Simeão a levaram. Não sabemos ainda o que querem, apenas disseram que vão mandar orientações. Ainda não as recebemos.

Os irmãos permaneceram ali ao lado do pai, tão estarecidos quanto ele. Benjamin começou a chorar, e Hadassa tentou em vão extrair mais alguma informação.

– Papai, por que esses homens fizeram isso? Espero que o Altíssimo envie raios e pedras sobre as cabeças deles. Que morram todos queimados... Da pior forma possível... – Hadassa alternava palavras de ódio com espasmos de choro.

– Meus filhos, vão para casa e cuidem-se para que nada lhes aconteça. Alguns guardas vão acompanhá-los e ficarão tomando conta da casa. Não saiam de lá até que tudo isso seja resolvido. Receio que estejamos todos em perigo.

– Mas até quando, papai? Esses assassinos nunca descansam!

– Andem logo. Assim que a encontrarmos ela voltará para casa em segurança.

Abbar só voltou tarde da noite, acompanhado de outros dois guardas para substituir os que estavam ali.

A tensão os dominava. Cada barulho, mesmo os muito familiares, como vozes na rua ou cavalos trotando ao longe, fazia com que os irmãos ficassem atentos. Além da preocupação com a mãe, o fato de saberem que os romanos se reuniriam com os líderes judeus no dia seguinte tornava aquela noite quase interminável.

Logo de manhã, o pai partiu para o templo, deixando Hadassa e Benjamin sem muito o que fazer. Embora soubesse que deveriam permanecer em casa, a menina queria descobrir informações sobre o desaparecimento da mãe, e se misturar com o povo no discurso de Josefo pareceu uma boa ideia.

5

Em nome do general

O pátio em que Josefo encontraria o sumo sacerdote era reservado a homens e a líderes religiosos. As mulheres, como não tinham permissão para acessar aquela área, ficavam no pátio ao lado. Hadassa e Benjamin estavam exatamente sob o portal que dividia os dois pátios e aguardavam o discurso. O povo se aglomerava por todos os lados.

Depois de muita espera, a tropa romana entrou ao toque de uma trombeta e posicionou seus estandartes vermelhos. O silêncio era absoluto. A maior preocupação era que um sicário ferisse um daqueles romanos, o que resultaria em milhares de pessoas inocentes mortas.

Os soldados judeus que faziam a guarda do templo também estavam a postos, respeitando uma distância segura da centúria que protegia Josefo. A força e a disciplina romana eram sempre temidas por todos. Depois de certo tempo de manobras e acomodações, o sumo sacerdote iniciou seu pronunciamento.

– Povo de Abraão! Estamos aqui reunidos a pedido do general romano. Ele enviou Josefo como seu representante, para que ouvíssemos suas propostas. Peço que escutem com toda a atenção.

Era visível a irritação dos judeus com o tratamento dado pelo sumo sacerdote àquele que consideravam seu traidor, mas sua postura respeitosa se fazia necessária porque a região estava sob domínio romano, e os revoltosos, incluindo autoridades judaicas, seriam mortos.

Com o povo em silêncio, Josefo tomou a palavra.

– Estou aqui em nome do grande e bondoso príncipe Tito, que pessoalmente me pediu que lhes trouxesse sua mensagem de paz –

bradou.

As pessoas, que ainda tinham esperanças de que sua bajulação fosse boato, o vaiaram. Quando o barulho diminuiu, Josefo continuou.

– Como vocês sabem, temos perdido muitos homens numa guerra que não é agradável aos olhos do Altíssimo. Inocentes estão sofrendo, pobres estão cada vez mais pobres e muitas famílias amedrontadas deixaram de plantar ou de cuidar de seus animais como deveriam. Sabemos também que entre vocês há um grande número de revoltosos assassinos que precisam ser condenados pelos crimes cometidos contra os romanos. Muitos de nossos soldados foram covardemente mortos por sicários em emboscadas sorrateiras. Esses crimes não permanecerão sem consequências. O grande general poderia ter ordenado o extermínio de todo o seu povo, sem fazer qualquer distinção, mas me enviou para que possamos, em um acordo de paz, receber os traidores por meio das mãos de vocês.

E então ficou claro que Flávio estava sendo estratégico. Os romanos não sabiam identificar os diversos grupos de judeus; alguns pacíficos, outros fortemente armados. Dentre os primeiros, havia a seita dos nazarenos – também conhecida como “O Caminho” –, cujo líder fora crucificado e, segundo seus seguidores, teria ressuscitado. Como quarenta anos depois ninguém mais tinha visto esse líder, Roma considerava o grupo inofensivo. Também não sabiam reconhecer os seguidores de João, líder de um bando de revoltosos que visava se apropriar do poder do templo. Estes até eram motivo de preocupação, mas seriam desarticulados com facilidade se os membros de outra seita, a dos zelotes, da qual os sicários faziam parte, fossem aprisionados. Havia, por fim, os seguidores de Simeão, que, fortemente armados, também queriam tirar os sacerdotes do poder e ocupar eles mesmos tais cargos, ainda que houvesse derramamento de sangue.

– Queremos o grupo de zelotes – Josefo continuou –, em especial os que carregam a sica e com ela nos matam sorratamente. Entreguem esses facínoras a nós, e o grande e justo general saberá o que fazer com eles. Queremos acima de tudo a cabeça de Eleazar, o líder desses sanguinários impuros. Quem o proteger será considerado inimigo de Roma. Esse sicário não pode permanecer vivo. Entretanto, se o povo judeu não se dispuser a atender ao pedido de Tito, haverá consequências sobre todos vocês, pois, assim como nosso general sabe ser generoso e misericordioso, também é justo e severo.

– Flávio Josefo – interveio o sumo sacerdote –, a quem ouse chamar de Yosef, é preciso que compreenda que não estamos protegendo Eleazar nem seus companheiros. Nós também somos vítimas de suas investidas. Lembre-se de que os romanos já foram terrivelmente injustos com um grupo pacífico, os essênios,¹⁰ quando invadiram e destruíram a comunidade de Qumran. Vocês queimaram tudo, inclusive centenas de rolos de pergaminho contendo nossos livros sagrados, até mesmo os escritos por Moisés, que, como o senhor bem sabe, não ofereciam perigo.

O sumo sacerdote tinha conhecimento de todos esses detalhes porque Jessé, seu outro irmão, estivera em Qumran durante o ocorrido, mas conseguiu fugir para o deserto. Carregou consigo apenas dois dos rolos, os livros de Ester e Neemias, enquanto os demais pergaminhos foram escondidos por outros membros da comunidade em grutas próximas. Mesmo sabendo que os textos sagrados foram preservados, Farias acusou os romanos, na tentativa de colocar o povo contra eles.

– Vocês destruíram todos os rolos, e isso é imperdoável. Seus homens mataram os nossos irmãos essênios, que eram inocentes, e mesmo assim não nos vingamos.

– Sua observação só torna a minha advertência ainda mais séria – Flávio retomou o discurso –, pois para os romanos é impossível

diferenciar os justos dos impuros. Como você disse, mesmo os essênios foram atacados. A pedido do misericordioso general, encerro minha fala dizendo que, se não entregarem Eleazar e seu grupo em duas semanas, vocês todos morrerão pelo fio da espada.

O povo reagiu violentamente, dizendo que jamais entregariam irmãos judeus aos invasores romanos e gritavam improperios a Josefo e à tropa romana ali presente.

– Filhos de Abraão, Isaque e Jacó – gritou Eleazar, para a surpresa geral, sendo protegido pela multidão, que o separava dos romanos. – Percebam o veneno que escorre da boca desse traidor. Ele não apenas entregou milhares de judeus nas mãos dos romanos, como também beijou os pés desses porcos. Beijou-lhes tanto os pés que sua vida foi poupada. Então por que daríamos crédito às suas palavras? Por que Tito não invadiria Jerusalém depois de trucidar nossos melhores e mais patrióticos guerreiros? Sim, sou um zelote. Tenho profundo zelo por Jerusalém, pelo povo judeu e por tudo aquilo que representa nosso Criador, o Senhor dos exércitos.

As pessoas, impressionadas com a coragem de Eleazar, permaneceram em silêncio, ouvindo-o com atenção.

– Ele sempre nos deu a vitória, desde nossa milagrosa saída do Egito, onde vencemos milhares de soldados pela força invisível de nosso Senhor, até agora, quando Ele nos fará vitoriosos novamente. Já deixamos de ser escravos e não podemos voltar a ser! – A estratégia de mencionar o passado glorioso era essencial, porque sempre enchia os judeus de orgulho. – Estamos sendo ameaçados por um inimigo que não teme nosso Deus. Pelo contrário, segue centenas de falsos deuses! Não nos curvaremos. Jamais nos submeteremos a um povo que não reverencia o único e verdadeiro Deus. Eu e meus seguidores preferimos morrer com honra, lutando até mesmo com pedras se a espada nos

faltar, que pela velhice debaixo da impureza romana. Não somos traidores como Josefo e não lamberemos as sandálias dos invasores.

Eleazar, projetando ainda mais a voz, continuou:

– Há, sim, facções diversas entre nós, com desejos muitas vezes inconciliáveis, pois nossa opinião é forte, diferente desse filho bastardo que virou suas costas para Jerusalém e fingiu que protegia Jotapata. É um traidor, que não mede esforços para nos entregar aos adoradores de águias. É uma víbora que tenta nos dividir. Se nós, zelotes, somos conhecidos por assassinar esses porcos de forma sorrateira a ponto de enchermos seus corações de medo, é sinal de que estamos no caminho certo. E como têm medo de nós, querem nossas cabeças. Não nos submeteremos. Expulsaremos todos os romanos de nossa terra abençoada, entregue a nós pelo próprio Altíssimo através de Josué. Ou alguém duvida que estamos no lugar correto? Portanto, filhos de Judá, sigam-me e me ajudem a expulsar esse traidor, para que seus pés nunca mais toquem as pedras deste templo erguido por Salomão. O que acontecerá com vocês, povo humilde de coração, que não conhecem uma espada, quando não tiverem quem lute em vosso lugar? Assim que os romanos cortarem nossas cabeças, irão até vocês, os crucificarão e tomarão seus filhos e filhas como escravos.

E levantando ainda mais a voz, concluiu:

– Não nos submeteremos a essa armadilha jamais. Lembrem-se do que Calígula queria: profanar nosso templo colocando uma imagem de Zeus para ser adorada ali dentro. Se não lutarmos contra esses romanos, Tito vai realizar os desejos daquele imundo!

O discurso de Eleazar inflamou os judeus. Em resposta aos gritos raivosos tão assustadores, Josefo e seus soldados saíram depressa pela porta lateral e debandaram para fora das muralhas de Jerusalém. A guerra estava declarada. Tito não perdoaria.

Hadassa, muito assustada com tudo o que vira, confirmou o que vinha sentindo: Jerusalém estava em perigo. E ela precisava encontrar sua mãe antes que fosse tarde.

6

O grande cerco

Assim que o general Tito soube que Josefo não obteve êxito na negociação, mandou chamar os comandantes das legiões e planejou com eles a invasão de Jerusalém. Como a cidade era fortemente guardada por muralhas, decidiram cercá-la para impedir a entrada de alimentos. Dessa forma, enfraquecido pela fome, o povo entregaria Eleazar e seus seguidores.

A estratégia romana de enfraquecer uma cidade por meio de um cerco já havia sido bem-sucedida em muitas ocasiões. Ganhar uma batalha sem perder nenhum soldado é muito mais sábio que vencê-la sacrificando seu contingente. A vitória de Pirro¹¹ tinha sido uma grande lição: ele vencera, mas a maior parte de seu exército fora dizimada. Tito temia ser comparado a ele, afinal, uma vitória precisa ser laureada pela honra, não ser lembrada pela morte desnecessária de qualquer um de seus soldados.

Mas o que sucedeu em Jerusalém após a aparição desastrosa de Flávio Josefo também era promissor para os romanos: a ganância pelo domínio do templo fez com que grupos rivais, como zelotes e fariseus, começassem a lutar entre si. Eleazar, o “rei” dos zelotes, aproveitando-se da desordem provocada pela fuga desesperada de Josefo, se aproximou ainda mais dos pórticos do templo, já que os guardas daquele local haviam se afastado para confirmar a expulsão dos romanos. Os zelotes, então, correram gritando em direção aos poucos guardas que

permaneceram em frente ao templo e os mataram facilmente. O templo estava tomado, e o caos estava implantado.

Outro grupo de revoltosos, liderado por um sujeito chamado João – bastante conhecido por matar milhares de legionários de Tito sem perder nem uma centena de seus homens –, misturou-se ao povo e, escondendo as espadas por baixo das roupas, aguardava o melhor momento para atacar Eleazar e tomar o controle do templo. As pessoas corriam para todos os lados, sem saber quem era inimigo, quem era sicário ou quem se valia do caos para cometer saques. Havia tantos grupos inimigos tentando o controle do templo e, portanto, da coleta de impostos, que a maioria do povo não conseguia entender nada sobre as batalhas internas.

No meio daquele verdadeiro pandemônio, Hadassa ouviu quando um dos líderes da conquista do templo, amigo de Eleazar e que sempre era visto ao lado dele, gritou para seus soldados:

– Onde estão os filhos de Abbar?

Apavorada com a possibilidade de ser levada por aqueles homens, a menina tomou Benjamin pela mão e correu para um dos pequenos depósitos de cereais anexos ao pátio dos sacerdotes. Os soldados de Eleazar ainda não estavam ali, pois brandiam suas espadas em frente ao templo na tentativa de intimidar alguém que quisesse se aproximar, em especial os homens de João.

Agachados no depósito, o cheiro forte de cevada se misturava ao odor ácido do suor dos dois. Benjamin, vendo pelas frestas da porta a proximidade dos soldados de Eleazar, chorava baixinho. Seus olhos azuis esbugalhados não tinham mais a graça dos sorrisos fáceis nem o brilho da ingenuidade. Não era tristeza, mas puro medo. Encolhido, tomou seus cabelos cacheados e compridos e os segurou tapando a própria boca. Ele tremia.

– O que vamos fazer? Estou com medo. Não quero morrer – as palavras, entrecortadas por pequenos gemidos, tinham sido sussurradas ao ouvido da irmã.

– Acalme-se, irmãozinho. Aqui tem uma saída, um túnel que nos levará até em casa.¹² Venha!

Por sorte, o pai de Hadassa um dia mostrara aquela passagem a ela, mas havia pedido segredo absoluto, ameaçando inclusive cortar a língua da filha. Abbar sabia que ser um sacerdote envolvia muitos perigos e que sua família poderia ser alvo de aproveitadores, então ensinou aquela rota de fuga caso houvesse necessidade. Esse dia tinha chegado.

– Ben, ajude-me aqui.

No fundo do galpão comprido, os irmãos puxaram vários sacos de cereais até encontrar uma tampa de madeira na parede, que ficava numa altura baixa e se confundia perfeitamente com o revestimento do depósito. Hadassa então afastou um grande jarro, empurrou a tampa e viu o túnel. Era totalmente escuro. Não se enxergava nada além de dois passos de distância. Esgueiraram-se, puxaram alguns sacos de volta, fecharam a portinhola e esperaram que seus olhos se acostumassem à escuridão. Não funcionou. Continuavam sem ver absolutamente nada. Mesmo assim, andaram um pouco para a frente, até poderem ficar de pé. De mãos dadas com o irmão, ela se lembrou das orientações do pai: “Do templo até nossa casa, pegue sempre a esquerda. No fim do caminho haverá uma portinhola. Empurre-a com força e você estará em casa. Se precisar ir de casa até o templo, a direção é a contrária: sempre encoste sua mão direita na parede até o fim do túnel. Para fugir da cidade, vá pelo túnel até o templo, volte dez passos e achará uma pequena porta bem a seus pés, na parede esquerda. O caminho é bastante longo, mas siga em frente e sairá da cidade em segurança. Ninguém, além de apenas alguns sacerdotes, conhece essa passagem. Lembre-se de que todos os

outros caminhos e bifurcações são apenas para confundir os intrusos e não levam à lugar nenhum”.

Hadassa andava na frente, encostando a mão esquerda na parede. Com a direita, puxava seu irmão ofegante. O cheiro de podridão e umidade, aliado ao frio que fazia ali, tornava a escuridão ainda mais assustadora. Os dois ouviam ratos correndo, mas não podiam gritar se quisessem sair logo dali.

O som das sandálias arrastando pelo chão molhado reverberava no túnel. Estavam no caminho certo? Chegariam a salvo em casa? Seu medo era que estivessem sendo seguidos pelos homens de Eleazar. Ou, pior ainda, pelos homens de João, temidos por serem violentos e sem escrúpulos.

A cada passo Hadassa imaginava que alguns desses soldados repugnantes poderiam tirar suas roupas e abusar dela ali mesmo. Ela jamais veria o rosto dos agressores. Com medo de morrer naquela escuridão, Hadassa pedia a Deus que tivesse misericórdia e permitisse que saíssem vivos dali.

Benjamin, tomado por um medo que jamais sentira, disse à irmã que estava com vontade de urinar. Não adiantou pedir: Hadassa apenas ia em frente, passo a passo, puxando-o com força. Viver era mais importante.

O menino então começou chorar. O líquido quente que escorria por suas pernas enquanto caminhavam fez com que ele imaginasse que o fim de suas vidas estava próximo. Imagens de cavalos e corridas tomavam conta de sua mente, perturbando-o ainda mais diante da possibilidade de talvez nunca mais cavalgar.

Hadassa bateu com força a cabeça no teto, que de repente tinha ficado mais baixo, indicando que o primeiro segmento do túnel terminara. A pancada a fez cair de costas e derrubar o irmão. A menina

se levantou no mesmo instante e precisou acalmar Benjamin, que gritava imaginando que seus medos haviam se tornado realidade. Agachados, continuaram caminhando até empurrar a portinha de madeira. O que encontraram foram outros sacos de mantimentos, mas dessa vez os do depósito de sua própria casa. Arrumaram tudo de volta, para que ninguém descobrisse a passagem, e saíram dali.

Já em casa, tentavam em vão se acalmar, e ainda estavam ofegantes quando um grupo de soldados invadiu a residência pela porta da frente. Não havia como escapar.

– Quem são vocês? – gritou Hadassa.

– Eleazar e seu pai nos mandaram aqui para levá-los a Jericó.

– Meu pai? Mentirosos! Vocês querem matá-lo. Ele não os mandaria aqui, ele próprio viria.

– Não temos tempo para explicações. Nossas ordens são para levá-los a seu tio Baruch. Tome, aqui está uma carta de seu pai.

A menina tomou o pergaminho da mão do soldado e leu, reconhecendo a caligrafia do pai: *Hadassa e Benjamin, sigam esses homens até Baruch, em Jericó. Fiz um acordo com Eleazar para que nenhum de nós fosse morto. Vão. Na fazenda vocês estarão protegidos, e logo sua mãe estará lá.*

Tudo tinha ficado ainda mais confuso. Como o pai havia conseguido resgatar a mãe? Por que fugir de Jerusalém? E por que Navit ainda não estava ali com eles se também iria a Jericó? Como percebeu que não teria suas respostas naquele momento, achou melhor obedecer aos soldados.

– Esse menino está fedendo – disse o líder.

– Caímos em uma poça de água suja. Ele precisa tomar banho.

Benjamin se afastou para buscar roupas limpas. Antes, olhou para trás e fitou demoradamente os olhos avermelhados da irmã. Não

trocaram um sorriso nem piscadelas dessa vez. Sabiam que a vida que tinham levado até aquele momento nunca mais seria a mesma.

– Sairemos amanhã de manhã, antes do nascer do sol. Estejam prontos. Não carreguem nada com vocês, porque não teremos animais de carga.

Os homens montaram guarda cercando a casa, impedindo qualquer um de entrar ou sair.

Um destino infeliz

Eleazar informou ao povo que a tomada do templo tinha sido necessária e que beneficiaria a todos. Fancias e Abbar permaneceriam em suas funções, mas os demais sacerdotes seriam todos destituídos, porque além de serem corruptos, eram desnecessários estrategicamente. Aquela lhe pareceu uma boa tática: se tivesse afastado os dois irmãos, conhecidos pela retidão e por serem terrivelmente rigorosos, mas jamais desonestos, o povo se revoltaria. Afinal, Fancias muitas vezes ajudava pessoalmente as famílias mais pobres – um ato de hipocrisia para alguns, mas muitos conseguiam reconhecer sua bondade. Eleazar queria o povo a seu lado, então não seria sábio tomar o poder e perder a aprovação popular. A cidade agora era dele.

As tropas romanas ainda não haviam chegado, mas todos sabiam que outro grande derramamento de sangue logo aconteceria. Dominando o templo, os sicários controlavam Jerusalém; toda a cidade, portanto, passava a ser inimiga de Roma.

Para diminuir a aversão do povo a seu grupo, Eleazar anunciou que a rotina do templo seria retomada e que ele próprio sacrificaria dois bois e cinco carneiros pelos pecados do iminente derramamento de sangue. Em pouco tempo, ovelhas e bezerros trazidos pelos judeus seriam queimados no altar, para que Deus os concedesse Seu perdão. Como aquilo estava entre os mandamentos do Deus de Israel, não era preciso convencer as pessoas a trazer os animais.

À noite, já havia menos barulho de pessoas gritando, falando e correndo. Ainda se ouvia, de longe, o choro das mulheres que haviam

perdido maridos ou filhos na carnificina ocorrida em frente ao templo. Além da dor da perda, elas sabiam que estariam desamparadas dali em diante, tendo de colher com as próprias mãos o trigo em alguma plantação próxima, de forma que não ofendessem o proprietário. Por fim, dependeriam da tshedaká,¹³ o que era humilhante. Era um mundo muito difícil para as mulheres.

De madrugada, os soldados bateram à porta e anunciaram:

– Venham logo, não temos o dia todo – disse o líder. – Vamos começar a viagem.

8

O pior está por vir

No templo, Eleazar continuava a estabelecer a ordem. Com as orientações de Abbar, foram feitas as escalas da guarda e determinados os postos de cada um. Ficou decidido que, no dia seguinte, o sacrifício¹⁴ de Eleazar e de todos os zelotes seria oferecido a Deus como prova de que os líderes estavam obedecendo a Torá.

Contudo, a sensação de paz não veio como desejavam. O povo estava agitado, e o medo pairava sobre a cidade.

Um jovem pediu à guarda do templo um momento com Eleazar para lhe dar notícias importantes. Os soldados não o levaram a sério e o enxotaram dali.

– Mas, guardas, a vida de Eleazar corre perigo e a de vocês também!

– É mesmo? Então vamos todos fugir para o Egito! – debochou um dos guardas, gargalhando e incitando os outros a fazer o mesmo.

– Tenho notícias de João e de seu grupo. – Agora se preocuparam.

– Por que não nos disse antes? Venha.

Numa sala reservada, Eleazar e dois soldados fizeram o rapaz contar tudo o que sabia.

– João me mandou aqui. Ele disse que só conseguiremos vencer os romanos se estivermos do mesmo lado. Ele tem um exército muito grande e quer que vocês, zelotes, se unam a ele. Juntando forças seremos muito fortes, pois João tem dois mil homens a mais que você.

– Dois mil a mais que eu? – Eleazar riu com escárnio. – Isso não pode ser verdade. Ele está blefando para que eu não o mate. Vá até João

e diga que se renda. Assim, eu o farei comandante de uma parte do meu exército, e os soldados deles se unirão aos meus, mas sempre dois de nós com um de João. Sei que vocês não são muitos.

– Você está enganado. Somos muito mais fortes que vocês, temos mais armas e mais soldados. Além disso, o povo gosta mais de nós, basta perguntar por aí.

Eleazar sabia disso, mas sempre achou que impor um pouco de medo fazia com que as pessoas obedecessem mais. Pegou uma sica e a colocou na mão do rapaz.

– Leve-a a João e diga-lhe que é um sinal de que honrarei minha palavra se acaso vocês se renderem a mim. Entretanto, se quiserem lutar achando que terão a vitória, seu néscio comandante receberá uma dessas em seu pescoço.

O rapaz saiu correndo dali e se misturou à multidão para que não fosse seguido.

À tarde, encontrou-se com João e lhe deu as notícias, mas o líder e seus homens apenas riram. Havia outros planos que os deixavam confiantes. O pior estava por vir.

Tomando o caminho de Jericó, o destacamento saiu da estrada principal e rumou para o sul para acessar a vicinal que levava à fazenda do tio de Hadassa. A cidade, que ficava no vale do rio Jordão, logo abaixo deles, podia ser vista de longe. A imponente torre de vigia ainda se destacava, como se suas muralhas jamais tivessem sido derrubadas.

Aquele trecho era perigoso. Sempre havia a chance de sofrer um saque. O grupo estava bastante armado, o que poderia assustar possíveis ladrões, mas ainda assim talvez precisassem lutar. A descida era longa,

pedregosa e estreita em muitas passagens, e a cavalo a viagem duraria aproximadamente seis horas.

Os cavalos de Hadassa e Benjamin estavam amarrados por uma corda comprida, e o soldado que os puxava agia como se fossem uma carga qualquer.

– Se você soltar o meu cavalo, eu mesmo posso conduzir. Já sei montar, aprendi lá em Jerusalém – Benjamin tentou começar uma conversa.

Os soldados não deram atenção – nem mesmo Hadassa, que ouviu o comentário e cobriu o rosto com o véu, como se o caminho pouco importasse. Para ela, era um grande sofrimento sair de Jerusalém e perder a esperança de rever aquele a quem seu coração desejaria para sempre, além da terrível incerteza sobre o paradeiro da mãe.

Dezenas de homens e mulheres apareceram no pátio em frente à casa principal para receber o grupo. Fossem eles amigos ou inimigos, aquilo indicava que seriam bem tratados – ainda que não passasse de uma forma de proteção, para que ninguém os matasse.

– São de minha família, os filhos de meu irmão, Abbar! Podem entrar. Sejam bem-vindos! – gritou Baruch quando avistou os sobrinhos.

No mesmo instante começaram as gentilezas que comprovavam a grande hospitalidade daquela gente. Ao avistar Hadassa, a filha de Baruch, Yohanna, correu e a ajudou a descer do cavalo.

– Minha flor de murta! Como está linda! Você cresceu. Seu cabelo e suas roupas estão maravilhosos... – A alegria da prima contrastava com a preocupação que Hadassa sentia a respeito da mãe.

– Prima, você também cresceu muito, está linda! E suas bochechas continuam as mesmas.

As feições de Yohanna eram muito peculiares. Quando ria, o canto esquerdo de sua boca se levantava um pouco. Era quase imperceptível, mas lhe dava um ar de alegria e malícia ao mesmo tempo. Ela, embora franzina, era dotada de muita energia, o tempo todo. Quando começava a falar, era difícil fazê-la parar, por isso Hadassa achou por bem interrompê-la – não por falta de paciência, mas pela vontade que sentia de compartilhar a própria tristeza.

– Yohanna, tenho um assunto urgente para tratar com meu tio. Mais tarde colocamos nossos assuntos em dia.

– Titio, onde está minha mãe? Ela já chegou? – perguntou Hadassa.

– Eu é quem pergunto. Vocês se encontraram?

A menina passou um bom tempo explicando tudo o que acontecera e o mistério que o pai havia criado em torno da chegada da mãe ali na fazenda e a respeito da tomada do templo.

– Hadassa, espero que seu pai realmente saiba o que está fazendo. Não se envia a esposa para longe de si. – Atônito com as informações que a sobrinha lhe dera, Baruch também demonstrava preocupação com Navit e com a segurança de toda a família.

– Sim, titio, obrigada por nos receber. Torço para que minha mãe esteja bem.

O tio correu para deixar todos a par da possível chegada da cunhada e dos cuidados que deveriam ter. Se Jerusalém estava em perigo, eles logo estariam também.

Mais tarde, Hadassa convidou a prima para irem de casa em casa conversar com quem mais estivesse ali. Eram parentes distantes ou famílias de trabalhadores que fabricavam vinho ou azeite e cultivavam muitos outros tipos de alimentos, em especial o trigo.

Hadassa foi muito bem recebida por todos, que se admiraram com sua elegância, sua forma ativa de andar, sua beleza tão particular e a segurança que seu rosto demonstrava. Como os boatos de que a menina possuía grande sabedoria tinham chegado até ali, as pessoas a questionaram sobre textos de Moisés, os quais ela conhecia muito bem. Normalmente ela sentia prazer em participar dessas discussões, porque conseguia articular com destreza os ensinamentos mosaicos,¹⁵ mas tinha perdido a vontade de conversar com quem quer que fosse. Cumprimentar todos os parentes já havia sido um grande sacrifício.

Percebendo a exaustão da prima, Yohanna a levou a seu próprio quarto e deixou que se deitasse em sua cama, uma vez que ainda não tinha sido determinado onde cada um dormiria.

Enquanto isso, Benjamin corria por todos os lados, insistindo em ajudar a dar água e comida aos cavalos. Os soldados retornariam com os animais a Jerusalém em breve, antes do pôr do sol.

Assim que os homens de Eleazar saíram, Baruch mandou matar um pequeno carneiro para servir um banquete em gratidão ao Senhor por ter livrado os sobrinhos do mal. Mais tarde, em volta da fogueira, todos comeram e entoaram canções de louvor, como se nada mais os preocupasse. Hadassa, numa tentativa infrutífera de esquecer Alexandre, cantava baixinho ao lado da prima, que encostava a cabeça em seu ombro. A noite parecia tomada pela paz.

Não demorou para que todos fossem se deitar. Benjamin ficou com os outros meninos num quarto grande na casa principal, e Hadassa dormiu numa cama ao lado da prima. Aquele arranjo a tinha deixado contente, afinal, a alegria contagiosa de Yohanna tornaria tudo mais fácil. Deitadas, as duas falavam sobre como ajudariam o povo a viver melhor se fossem rainhas. Fariam acordos de paz e construiriam uma

muralha gigantesca em torno de Jerusalém e de Jericó para que ninguém pudesse estragar a paz nessas cidades. Elas governariam com justiça.

As primas foram as primeiras a se levantar no dia seguinte. No quarto em que estavam, pequenos buracos nas paredes funcionavam como janelas, permitindo que a luz do sol entrasse e as acordasse. A calma da manhã foi interrompida por Benjamin, que corria para todos os lados, gritando:

– Cavalos, cavalos! Os soldados estão chegando!

Quando o grupo se aproximou o suficiente, todos a viram. Navit estava a salvo. Hadassa e Benjamin correram na direção da mãe e a abraçaram, mas algo parecia profundamente errado: não havia nenhum traço de alegria no olhar da mãe ao revê-los. Era como se sua alma tivesse sido arrancada. O que viam ali era apenas seu corpo, que respirava, se movia e falava com muita lentidão, balbuciando apenas algumas poucas palavras essenciais.

Hadassa e as outras mulheres decidiram levá-la para um quarto, para que descansasse um pouco. No dia seguinte se sentiria melhor, acreditavam.

Baruch tentou conversar com os homens que a tinham trazido, mas os soldados, impassíveis, apenas pediram pão e água e se dirigiram de volta à estrada, sem nem dizer a que grupo pertenciam.

No outro dia, Hadassa se sentou ao lado da mãe e carinhosamente perguntou o que havia acontecido.

– Mamãe, quem a levou de nós? Quem são esses homens que a trouxeram até aqui?

– Deixe-me sozinha, Hadassa. Estou com sono – a mãe se limitou a responder.

Os dias se passavam, mas a melhora de Navit não vinha. Sua letargia era tanta que as mulheres precisaram se dividir para cuidar dela – inclusive banhá-la, já que não o fazia sozinha. Com muita insistência conseguiram fazê-la sair do quarto e ajudar em algumas tarefas domésticas, que ela realizava de cabeça baixa, tão concentrada no trabalho que não ouvia quando a chamavam.

Duas semanas depois de terem chegado à casa de Baruch, as crianças já haviam se habituado à nova rotina. Ainda assim, Benjamin inventava algo novo todos os dias. Quando Baruch soube que o sobrinho sabia andar a cavalo, chamou-o e pediu que mostrasse suas habilidades. O menino, com a lembrança da desobediência anterior ainda fresca na memória, disse que o pai o havia proibido de montar.

– Então hoje é seu dia de sorte, porque quem manda na minha casa sou eu – o tio riu com sarcasmo.

Benjamin não apenas mostrou que sabia montar, como galopou tão rápido que Baruch decidiu treiná-lo. O objetivo não era fazer dele um cavaleiro vencedor de grandes corridas, apenas competir com os vizinhos e ganhar uma ou outra ovelha como prêmio.

Navit, como já era de esperar, não se opôs. Preferiu, como de costume, ficar calada.

A vida na fazenda de Baruch era muito pacífica. Apesar da tristeza, Hadassa estava conseguindo se adaptar à nova realidade. Às vezes, saía de casa sem que a vissem e caminhava entre as videiras em direção à margem do rio Jordão. Gostava de passar um tempo ali sentada, ouvindo o barulho das águas.

Numa dessas caminhadas, em vez de tomar a direção do rio, decidiu subir uma colina. Avistou de longe um arbusto salpicado de